

Literatura negra brasileira, mediação e aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008

Carlindo Fausto Antônio *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8229-6615>

RESUMO

O artigo, sem embargo do papel teórico relativo ao campo literário e à leitura, tem como objetivo apresentar um método para facilitar o acesso aos textos constituidores da literatura negra brasileira. De modo pedagógico, sem impedir experiências e relações coautorais indispensáveis com outros livros, autores (as) e autorias, o processo educativo utilizará, nas formações pretendidas, os livros “No Reino da Carapinha”, infanto-juvenil, prosa” (2018), e “Memória dos meus carvoeiros, romance” (2017), de Fausto Antonio. Outros livros, autorias e gêneros poderão ser utilizados, sem prejuízo do escopo orientador desse texto-projeto. As reflexões concernentes à leitura, triburárias dessa sistematização, serão feitas a partir da formação de educadores (as) formais; profissionais das redes públicas de ensino, e não formais; isto é, quadros dos movimentos sociais negros, quilombolas e assemelhados.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Negra; Autoria; Leitura; Mediação e Recepção

Matsalwa ya Vantima ya le Brazil, vuhlanganisi na ku tirhisiwa ka Milawu 10.639/2003 e 11.645/2008

NKOMISO

Apapila leyi, hambileswi yi nga na xiave xa yona xa thiyori lexi fambelanaka na nsimu ya matsalwa na ku hlaya, yi kongomisa ku humesa ndlela yo olovisa ku fikelela matsalwa lama vumbeke matsalwa ya vantima ya le Brazil. Hi ndlela ya dyondzo, handle ko kavanyeta mintokoto ya nkoka ya vatsari-kulobye na vuxaka na tibuku tin'wana, vatsari na vatsari, endlelo ra dyondzo ri ta tirhisa, eka ndzetelo lowu kunguhatiweke, tibuku “No Reino da Carapinha”, children's-juvenil, prosa, (2018), . na Memória dos meu charvoeiros, novhele, (2017), hi Fausto Antonio. Tibuku tin'wana, vatsari na tinxaka ti nga tirhisiwa, handle ko kavanyeta vukulu lebyi kongomisaka bya tsalwa leri ra phurojeke. Miehleketo mayelana na ku hlaya, leyi nga xiphemu xa maendlelo lawa, yi ta endliwa hi ku ya hi ndzetelo wa vadyondzisi va ximfumo; tiphurofexinali ku suka eka tinetiweki ta dyondzo ya mfumo na leyi nga riki ya xivumbeko; hi leswaku, tikhedara ta vantima, quilombola na minhlangano ya ntshamisano yo fana na yona.

MARITO YA NKOKA

Matsalwa ya Vantima; Vutlhokovetseri; Ku hlaya; Vuhlanganisi na ku Amukela

* Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia. É escritor e autor, entre outros, dos livros (prosa) Exumos, Vaníssima Senhora, Descalvado e Vinte Anos de Prosa; (poesia) Fala de Pedra e Pedra, Linhagem de Pedra, Outra Pessoa, Elegia de Descalvado e Vinte Anos de Poesia; (teatro) De que valem os portões, Arthur Bispo do Rosário, o Rei, Rutília e Estamira e Patuá de Palavras; (Infantil) No Reino da Carapinha, publica anualmente na coetânea Cadernos Negros. E-mail: fausto_escritor@unilab.edu.br

Littérature noire brésilienne, médiation et application des Lois 10.639/2003 et 11.645/2008

RÉSUMÉ

L'article, malgré son rôle théorique relatif au domaine littéraire et à la lecture, vise à présenter une méthode pour faciliter l'accès aux textes qui constituent la littérature noire brésilienne. De manière pédagogique, sans entraver les expériences et les relations de co-auteur indispensables avec d'autres livres, auteurs et paternités, le processus éducatif utilisera, dans la formation prévue, les livres « No Reino da Carapinha », pour enfants, prosa, (2018) et Memória. dos meu charvoeiros, roman, (2017), de Fausto Antonio. D'autres livres, auteurs et genres peuvent être utilisés, sans préjudice de la portée directrice du texte de ce projet. Les réflexions sur la lecture, qui font partie de cette systématisation, se feront à partir de la formation d'éducateurs formels ; les professionnels des réseaux d'éducation publique et non formelle; c'est-à-dire les cadres des mouvements sociaux noirs, quilombolas et similaires.

MOTS CLÉS

Littérature noire; Paternité; En lisant; Médiation et Accueil

1.Descrição geral do projeto

O projeto em pauta tem dois polos centrípetos de preocupação e de delimitação efetiva. O primeiro elemento a ser considerado diz respeito ao reconhecimento do racismo na sociedade brasileira. Como motor alimentador das desigualdades raciais, emerge o segundo dado, que é a existência, do ponto de vista artístico e cultural, de linguagens que naturalizam o racismo. Especialmente as linguagens apagam e afogam no anonimato, é o caso da literatura brasileira, autorias, personagens, histórias, ponto de vista, linguagens e recepções, coautorias negras e/ou empatizadas com a negrura e notadamente com o sistema cultural negro-brasileiro.

Na contramão dessa perspectiva que abstrai o sistema cultural negro-brasileiro, há autorias potentes Sodre (1988), Oliveira (2006), Tavares (1977) que são renovadoras das noções de restituição e de ancestralidade, entre outros princípios fundantes desse campo. No artigo em pauta e voltado à mediação e recepção, no domínio específico da fatura questionadora do racismo no sistema literário e teatral, incorporamos as teorizações de Martins (1995), no clássico "Cena em Sombras", que põe em relevo, no conjunto da sua escritura teórica e obra, a relação de inseparabilidade do racismo e dos sistemas discursivos e artísticos, que o naturaliza.

O racismo é estrutural no Brasil, sem dúvida, mas ele precisa de linguagens artísticas e culturais para veiculá-lo e naturalizá-lo. É basilar ainda no universo da cena teatral, a propósito e com outras produções, a leitura de "Dramas para Negros e

prólogos para Brancos” (NASCIMENTO, 1961). No nexos que articula a “escrita e a recepção de si” (ANTONIO, 2019), sugerimos a leitura de “A cultura negro-africana como chave hermenêutica e conceito para a distinção entre cultura negro-africana de projeção e de ressonância no meu teatro” (ANTONIO, 2017b).

A literatura brasileira, desde a sua fundação, tem produzido e alimentado visões estereotipadas de negros (as) e do signo negro. As referências, no que concerne ao acesso às pesquisas e às teorizações desnaturalizadoras do racismo, revelam o emparelhamento do negro (a), das autorias negras, das personagens, do signo negro e de recepções homólogas.

No concerto das experiências autorais e de recepção, faço uma deriva pessoal e deixo as seguintes referências sumariadas na “Escrita e na recepção de si” (ANTONIO, 2019) e “Negras práticas pedagógicas e epistêmicas: A centralidade da autoexpressão negra nas artes cênicas” (ANTONIO, 2017c). No campo da renovação da historiografia hegemônica, podemos citar, ainda de modo apenas preliminar, entre outros autores (as) e obras, BERND, (1988) “Introdução à literatura negra” e Damasceno (1988) “Poesia negra no modernismo brasileiro”. As produções citadas acima abrem a lista de textos que, longe de uma abordagem finalista, sugerem ou possibilitam a inclusão e a reflexão relativa ao lugar de autores (as) negros no cânone literário nacional.

Gênero e cor e/ou raça são pautadas por Queiroz JR (1975), no “Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira”. Como núcleo para historicizar o tratamento a negros personagens e sujeitos autorais, temos ainda Rabassa, (1965), com o título “O negro na ficção brasileira.” Por sua vez, no contexto histórico pós Cadernos Negros (1978), Silva (1985), faz um breve balanço, no entanto essencial, da “Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos”, trabalho no qual ilustra e muito bem a visibilidade emergente da literatura feita por negros (as) e as barreiras postas e impostas pelo racismo.

No enovelado encruzilhado da nova historiografia, há as produções assentadas, pela escrita de Pereira (1995), que põe em destaque o “Panorama da literatura afro-brasileira”, a obra é outra referência modelar do esforço para dar visibilidade para as autorias negras. Produção coletiva, de grande alcance e valor na renovação da historiografia literária brasileira foi editada e organizada por Duarte, (2011a), em cujo nexos orientador está confiado o tópico denominado “Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra”. Ainda na mesma coletânea organizada por

Duarte, (2011b) negritamos a discussão orientada pela chamada, “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, que atualiza o debate no que toca aos conceitos literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira.

A produção literária racista no Brasil, conforme nos revelam as obras apresentadas e com base retrospectiva, se materializa a partir da exclusão de personagens negros com história. Antes ainda do impacto na literatura, há o emparedamento social e racial. O processo e a produção do emparedamento, vale a ênfase aqui, são legitimados pelos compêndios literários, artefatos didáticos, historiográficos e estruturalmente pelos espaços orgânicos da branquitude literária.

Com a finalidade de revelar a realidade do racismo à brasileira, podemos bradar que as produções literárias hegemônicas, largamente difundidas nos e pelos sistemas de ensino e televisivo, são marcos e artefatos de exclusão, num só golpe, de negros e negras autores e das recepções ou coautorias empatizadas com as noções textuais e contextuais da negrura. Falamos de ação histórica recorrente e de sistêmica exclusão do negro (a) e, por inseparabilidade, ressaltamos a exclusão do signo negro e de recepções que, relevando as territorializações e agências espacializadas da negrura, apresentam protagonismos e pontos de vistas divergentes da branquitude totalitária. O espaço geográfico, revelador do lugar segregado ocupado pela população negra no Brasil, está encruzilhado com o espaço literário num embate permanente. A nossa investida analítica, de acordo com Santos (1988) enuncia o texto e o contexto territorializados e inseparáveis. Textos e contextos são quadros da existência e da reexistência negra.

Sem jamais desconsiderar o texto e o contexto como quadro da existência e da reexistência negra, no recorte alusivo ao tratamento dado aos personagens negros e negros autores (as), atores e atrizes, sugerimos e utilizamos para balizar nossa malha argumentativa, além de Mendes, (1982), Nascimento (1961), Martins (1995), o livro de Araújo (2000). O livro de Araújo (2000) cuida, desde a sua fundação no Brasil, do sistema novelístico televisivo, cujo espólio, até os dias atuais, apresenta uma grade programática de exclusão de autorias negras no campo da encenação e da recepção televisiva, a rigor, universalizante da branquitude.

O projeto voltado à mediação, às autorias negras e às coautorias negras e/ou empatizadas com a negrura, considerando a realidade concreta do racismo, a sua existência sistêmica e o papel da literatura, a exemplo das narrativas das telenovelas,

aponta a urgente e inadiável necessidade de processos de valorização da produção literária feita por autoras e autores negros. Pode-se dizer também, por igual valor e função na transformação dessa realidade, que a intervenção prioriza o trabalho no que tange à centralidade das recepções ou coautorias negras e/ou empatizadas com os principais elementos constituintes da literatura negra brasileira. Numa síntese, as intervenções exigem, nos textos e contextos, a relação dialógica das autorias e coautorias, ou seja, da propalada ou denominada recepção.

Heloísa Pires Lima, na apresentação do livro “No Reino da Carapinha” (2017a, 2018), chama nossa atenção para a mediação. Registro parte da apresentação que articula autoria e processo seminal receptivo que diz: A sociedade brasileira demorou um tanto para integrar personagens negros nas bibliotecas dirigidas ao jovem leitor. Esta ausência ou presença auxilia na percepção positiva ou negativa acerca da origem africana e suas descendências ao longo de nossas histórias. Afinal, o modelo de humanidade que habita a ficção é um mediador para como a realidade é percebida. Nesta perspectiva, o livro “No Reino da Carapinha” assinado por Fausto Antônio oferece elementos de muita qualidade para o Imaginário dessa faixa etária em formação.

A apresentação salienta a mediação feita, no primeiro momento, pela escrita em si e circunscrita à obra e igualmente ao seu nexos não tão-somente de projeção; mas sim de ressonância da memória e de estabilizações ancestrais e coletivas. Na mesma margem, temos a mediação posta e repostada pela avaliação autoral da estudiosa, que enumera elementos constituintes da narrativa e alçados à categoria de estabilizadores de uma determinada recepção ou coautoria. Na linhagem da tópica mediativa, a argumentação de Heloísa Pires Lima constrói ou da visibilidade ao leitor e à leitora idealizados. É o que sugere o fragmento, que destacamos:

O humor será uma estratégia a desafiar curiosos irrequietos. Também as imagens poéticas cativam. Mas, a qualidade singular do projeto está na arquitetura que alude outro clássico, o reino das águas claras de M. Lobato. Porém, da interlocução muito bem realizada, resulta o alto valor das carapinhas. Como um fio da navalha, preciso no corte de nada aquém e nada além, Fausto Antônio inverte a posição desprestigiada dos personagens negros, tão marcada nas obras do escritor consagrado. Desta vez, o reino, ou aldeia ou república vai deixando pistas que referem figuras ou acontecimentos históricos relacionados à população negra.

O poder ou a força da fabulação, a construção dinâmica de um logos alicerçado pela imaginação, permite o ingresso ou entrada no mundo da aventura narrativa. A saga, “No Reino da Carapinha”, é um tabuleiro de jogo imaginado e movido por palavras mágicas e sopros derivados das margens plásticas e elásticas de um mundo de encanto e encantado e/ou encantador. Há um salto, como adverte o trecho em pauta, além do didatismo, que “interromperia a imaginação”:

Esta passagem entre informar, aludir e encaixar a referência na fluidez do texto têm, da mesma forma, muito acerto. Sobretudo, por não recair no didatismo que interrompe a fantasia. Trata-se de uma aventura bem estruturada e dimensionada em aspectos filosóficos, linguísticos, históricos. Porém, com a singeleza e a alegria de um texto delicioso. Fisgado pela trama o leitor irá conhecer o nome do personagem só quando ele entrar na história. E se divertirá com a hábil sonoridade executado na pena do tin tin por tin tin.

No processo de interlocução com as leitoras e leitores, a recepção ou coautoria, a construção do objeto estético, “No Reino da Carapinha”, funde espaço geográfico e literário com as bases técnicas da língua e da narrativa artística. A propósito, existem recursos que fundem pessoa e espaço na mesma senda tessitural. Sendo assim, o espaço, como totalidade, é; de um lado, “No Reino da Carapinha”, a metonímia da corporalidade negra e; de outro, materializa a presença da carapinha na fertilização de uma cosmogonia negro-brasileira aberta às leitoras e aos leitores de todas os segmentos étnicos existentes. Heloísa Pires Lima chama a nossa atenção para as carapinhas como corpo e corpus de enunciação de uma noção textual da negrura imbricada na autoria e na coautoria e/ou recepção. Na reflexão dela:

E nada mais atual do que o assunto das carapinhas. Tema representativo da inversão cultural necessária à eliminação de racismos naturalizados é quando o ponto de virada da vulnerabilidade empodera o sentimento de pertencimento. Há uma demanda alta por materiais de apoio à questão. E como é importante a garantia de escritore(a)s negros estarem nas estantes para serem descobertos para uma leitura.

É bem recorrente a referência à carapinha como ponto físico e imagético-filosófico. Assim, há ênfase nas negras carapinhas, que atuam como ponto de partida para um registro existencial e de apropriação coletiva. A partir desse ponto catalisador da negrura, de valores milenares, complexos e sofisticados de mediação

que exigem a leitura silenciosa; a rigor, individual e revestida pela autonomia de acesso e compreensão.

Na mesma composição, há a leitura e a releitura coletiva; aberta, explicitando o espraiamento clássico e/ou fixado e estabilizado pela mediação sedimentada pela memória coletiva expandida. Tudo, no entanto, passa pelas negras carapinhas. Emerge, desse modo, a força do corpo e do seu desdobramento para o narrado. O centro é o enunciado e/ou território do vivido, que articula a autoria e a recepção, sobretudo. No desfecho da mediação e/ou recepção crítica inaugural, Heloísa Pires Lima convida, é uma forma de sedução, as leitoras e os leitores para o jogo, que se abre permanentemente após as sucessivas leituras do texto que, como fogo e carne; espírito e vida, se renova a cada leitura ou retorno ao jogo, que seduz e não se fecha; pois:

As tão negras carapinhas vão revelando um ponto de vista existencial e original nessa autoria. A cartografia dos nomes e fatos que aparecem no enredo poderá ser reconhecida pela comunidade negra ou por quem a conhece muito bem. Por isso, este autor se torna um memorialista que refaz o elo entre gerações. Talvez, a obra tenha nascido pressupondo um momento de narrar, de ler para os mais novos abrindo conversas sobre as passagens citadas. Todavia, isto não é imprescindível para quem adentrar nesse reino tão especial. A obra poderá ser lida e relida muitas vezes e por toda a vida pois já nasce clássica. Portanto, recomendo, vivamente, a sua leitura.

2.Descrição específica do projeto

A descrição específica do projeto de leitura orienta, em conformidade com a sistematização sugerida por LIMA (2019) e o estágio ou estado da literatura negra, de maneira concomitante, a necessidade de um processo de mão dupla ou de tessitura entre a seleção, aquisição e leitura de livros. A seleção de livros, respeitando as recepções e avaliações prévias da crítica especializada na literatura negra brasileira, DUARTE (2011) é um dos pilares. Outro pilar passa pelas autorias negras e retornos receptivos estabilizados num processo de empatia com a negrura. A referência no campo da simbiose de autorias negras e recepções empatizadas passa pelos CADERNOS NEGROS, Poesia e Contos (1978-2023).

O alcance autoral e coautoral, base indispensável para a historicização da produção e da recepção, entendida como coautoria, é condição prévia para o advento

da mediação expansiva-responsiva ou multiplicadora. . Por outro lado, há ainda a impostergável necessidade de aquisição de livros da literatura negra brasileira pelas bibliotecas das unidades educacionais públicas municipais e estaduais e igualmente pelos educadores não formais. Assim será garantida a aquisição como braço e corpo da distribuição-circulação e, na mesma pauta ou transitando pelas duas mãos, haverá um processo ou projeto de formação, que alcançará educadores formais e não formais.

As etapas aqui expostas terão, no processo intermediário, um momento para a leitura dirigida dos livros adquiridos. É assim, com leituras dirigidas e com oficinas ou seminários formativos, que as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 serão efetivadas e, do mesmo modo, asseguraremos a fundamental e continuada formação de educadores (as) formais e não formais. Desse modo, na etapa final, teremos a recepção de alunos e alunas e da sociedade mais ampla, tudo; no conjunto, por ação e alcance dos professores (as) e dos movimentos sociais negros e aparentados.

No contexto das redes públicas de ensino, as oficinas ou seminários teriam como alvo os educadores (as) formais e na mesma intervenção, relevando o papel central dos processos educativos, as formações são extensivas aos movimentos sociais da cidade ou região, com ênfase ou particular atenção aos Movimentos Negros, quilombolas e assemelhados. Os processos educativos formais e não formais, é o que orientam tal delimitação, seriam chaves e meios pelos quais, através das oficinas e com obras de autorias negras e com recepções negras e/ou empatizadas com a literatura negra brasileira, aplicaríamos as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Vale destacar que a categoria recepção enfatizada com a negrura significa, do ponto de vista da leitura e das Leis, que outras raças ou etnias devem desfrutar de histórias, de signos e de personagens negros (as) fundamentalmente vinculados ou cristalizados pelas cosmogonias e sistemas culturais negros, que são expressões do bem, do bom e do belo. Desse modo, o personagem negro, as histórias, o ponto de vista, as linguagens, as autorias e as recepções seriam artefatos ou meios teóricos e metodológicos para desfazer o racismo no texto e contexto e, sem dúvida alguma, seriam meios igualmente eficazes para a valorização do signo negro e mais ainda de negros (as).

3.Objetivos do projeto

Os objetivos específicos do projeto passam, em concordância com a aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, pela aquisição, distribuição e leitura dirigida dos livros “No Reino da Carapinha”, gênero infanto-juvenil, (2018) e “Memória dos meus carvoeiros”, romance (2017a), do escritor Fausto Antonio. O objetivo exige a indispensável formação e não tão-somente a compra e distribuição ou circulação física dos livros.

É parte do núcleo específico do projeto a realização de duas oficinas destinadas aos educadores (as) formais das redes de ensino atendidas. Os educadores (as) não formais seriam também contemplados com um número de vagas. Teríamos, assim, perfazendo, em dois turnos, num total de 8 horas de trabalho de formação, a qualificação de educadores (as) formais e não formais. A rigor, há, no trabalho de leitura dirigida, a qualificação dos processos educativos formais e não formais.

De modo complementar ao descrito acima, há a necessidade de aquisição e de distribuição, para as bibliotecas das unidades das redes públicas municipais e estaduais atendidas, de 05 exemplares das obras citadas no escopo do projeto. É nuclear, para o sucesso do projeto, que cada unidade receba, no mínimo, 5 exemplares. Por fim, os educadores (as) formais, nas unidades de ensino, e os não formais, nos movimentos sociais, serão os multiplicadores (as) ou mediadores (as) das leituras. As categorias leitores e leitoras; as recepções, são sujeitos indispensáveis para a leitura e para o reposicionamento das coautorias negras e negrorreferenciadas na sociedade mais ampla.

Conclusão e Justificativas: o porquê da mediação expansiva-responsiva

A formação de leitoras e leitores não é algo natural. As recepções são construídas socialmente e estão encruzilhadas com valores e posições, entre outras, de classe, raça. Idade, espaço, lugar, território e gênero. Não basta a simples aquisição de livros. É preciso um projeto muito bem delineado para assegurar, além do acesso físico ao livro, o entendimento social, político, intelectual e, principalmente, literário de determinados autores (as) e das suas obras.

Textos e contextos dialogam em profundidade e devem mobilizar as atenções e as formações de leituras dirigidas. No contexto brasileiro e relevando a persistência do

racismo, o trabalho de mediação e de leitura dirigida por educadores (as) formais e não formais é indispensável. Aqui vale ressaltar a dimensão pública e o papel do Estado para viabilizar tais políticas.

Vale afirmar que não basta também ou simplesmente oferecer os livros aos alunos e alunas, que estão condicionados ou completamente mergulhados nas produções e reproduções quase exclusivamente brancas das telenovelas e de outras narrativas brasileiras. Avultam também dificuldades específicas de leitura e de letramento insuficientes. É necessário um projeto, é o que propomos, voltado inicialmente aos educadores (as) formais e não formais.

O que justifica o projeto em pauta, o que toca à sua delimitação espacial nas Redes Públicas de Ensino, é a formação dirigida e acompanhada pela aquisição dos livros, que guarneceriam as bibliotecas das unidades de ensino. Como chave executiva do processo, os educadores (as) formais e não formais exerceriam o papel de mediação expansiva-responsiva, que amplia ou multiplica as formações dirigidas de acesso e de leitura dos livros “No Reino da Carapinha” (2018) e Memória dos meus carvoeiros (2017a), de Fausto Antonio.



REFERÊNCIAS

ANTONIO, Carlindo Fausto. **No Reino da Carapinha**. São Paulo: Editora Ciclo Contínuo, 2018.

_____. **Memória dos meus carvoeiros**. Fortaleza: Edições UFC, 2017a.

_____. Negras práticas pedagógicas e epistêmicas: A centralidade da autoexpressão negra nas artes cênicas. **Revista de Humanidades e Letras**. Vol. 3, Nº. 1, Ano 2017b.

_____. A cultura negro-africana como chave hermenêutica e conceito para a distinção entre cultura negro-africana de projeção e de ressonância no meu teatro. In: SILVA, Geranilde Costa (Org.). **Ensino, pesquisa e extensão na UNILAB: caminhos e perspectiva**. V. 2. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017c.

_____. **A escrita e a recepção de si: abismo olhando abismo**. Campinas: Revista Limiar– Pós Graduação da PUCC, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CADERNOS NEGROS. **Poesia e Contos**. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores. 45 volumes publicados de 1978 a 2023.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: _____. (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011a.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v.1, 2, 3 e 4. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011b.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MENDES, Miriam Garcia. **A personagem negra no teatro brasileiro entre 1838 e 1888**. São Paulo: Ática, 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. Sortilégio. In: NASCIMENTO, Abdias do et al. **Dramas para Negros e prólogos para Brancos**. São Paulo: Edição do Teatro Experimental do Negro, 1961.

SANTOS, Milton. **O Espaço em Questão**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 3ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Panorama da literatura afro-brasileira**. In: Callaloo. v.18. n.4. John Hopkins University Press, 1995.

QUEIROZ JR., Teófilo. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SILVA, Luiz (Cuti). Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos. In: **Reflexões sobre literatura afro-brasileira**. São Paulo: Quilombhoje/Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis, Vozes 1988.

TAVARES, Júlio. Educação através do corpo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 25. pp. 216- 221, 1977.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023



Para citar este texto (ABNT): ANTONIO, Carlindo Fausto. Literatura negra brasileira, mediação e aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.365-376, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Antonio, Carlindo Fausto. (out. 2023). Literatura negra brasileira, mediação e aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 365-376.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>